

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº48 - ABRIL - PORTO VELHO, 2002  
VOLUME III  
ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**ARTUR MORETTI** - Física  
**CELSO FERRAREZI** - Letras  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação  
**MARIO COZZUOL** - Biologia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

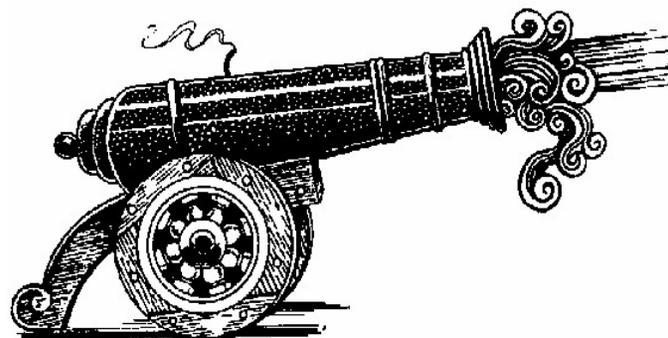
TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa* **48**



**INDÚSTRIA CULTURAL**

**NEUSA DOS SANTOS TEZZARI**



## Neusa dos Santos Tezzari

Professora de Língua Portuguesa – UFRO

## INDÚSTRIA CULTURAL

*"...existe uma imensa esperança, não porém para nós..." (Adorno)*

*Fomos criados para sermos irmãos de nossos irmãos, e mesmo assim olhe lá. Somos irmãos de nossos irmãos e de nossos amigos, os demais são sócios. Indiferentes ou inimigos, competidores. Se eu quiser se irmão de um favelado eu acho que ele me cospe na cara." (Drummond)*

Para Theodor W. Adorno, o ensaio permite a fluência do pensamento e isso pode explicar sua preferência por esta forma de expressão. Sobre o ensaio, escreveu: "seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro e nem se arredondam em algo terminal".(1958) Coerente com o seu pensamento e à vontade com as possibilidades que tal tipo de texto oferece, pretende-se que este artigo se estruture como um ensaio; que reflita sobre as formulações deste pensador importante do nosso século, a partir da leitura da obra "Educação e emancipação", relacionando seus escritos com os de outros pensadores contemporâneos, tais como Marshall McLuhan e Walter Benjamin, enfatizando-se a busca do entendimento do conceito "Indústria Cultural" formulado por ADORNO e HORKHEIMER e as implicações decorrentes deste entendimento.

Em "Educação e emancipação", ADORNO denuncia a presença de uma "consciência coisificada" (São características da consciência coisificada, a ausência de afeto nas relações, o pensamento através de categorias prévias, o uso de literatura secundária como forma de não enfrentamento, a relação com as pessoas como se elas fossem coisas, clichês,etc.)tanto na escola quanto nos professores e aponta como responsável por tal presença, os conteúdos fragmentários veiculados na escola que constituem, segundo ele, uma colcha de retalhos de informações desconexas, que são decoradas e que não permitem a reflexão.

Há uma atitude de defesa em relação ao devir presente na consciência coisificada que torna as pessoas indiferentes umas às outras e que as condena à menoridade, no sentido postulado por Kant. Entre os possíveis caminhos que propiciariam a referida fuga, ADORNO aponta a experiência, não no sentido que tem nas Ciências Naturais, mas como a auto-reflexão mediada pela relação com o objeto, na qual o sujeito se constitui na sua objetividade; o rompimento com a educação que apenas se apropria de conteúdos e os retransmite, sem se abrir ao novo, à produção do saber.

A aceitação de que não existem modelos que garantem a formação cultural e de que esta só ocorre a partir do esforço espontâneo e do interesse, desconectados desta estrutura formal escolar: do cumprimento de horário, da assiduidade do recebimento de um diploma, etc.

Theodor Wiesengrund-Adorno (1903-1969) e Walter Benjamin (1892-1940) fizeram parte de um grupo de pensadores que produziram obras de tal importância a ponto de constituírem uma corrente de pensamento posteriormente chamada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

A fundação do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, em 1924, reuniu autores- entre os quais mereceram destaque, além de ADORNO e BENJAMIN, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, que produziram reflexões críticas sobre a economia, a sociedade e a cultura do seu tempo, a maioria veiculada nas páginas da Revista de Pesquisa Social- na qual pensadores como Herbert Marcuse e Erich Fromm publicaram também os seus trabalhos.

Desconectado deste contexto, Marshall McLuhan (1921-1980) é contemplado, neste ensaio, em função de ele também refletir sobre a influência da tecnologia sobre as formas de pensamento, só que em outras bases, o que permite a contraposição das idéias de cada um: de um lado os europeus que consideram haver, nos meios, aspectos que propiciam a desagregação cultural, que contribuem para a crise social; de outro, o canadense que postula a cultura de massa, no sentido de ser acessível a todos e que até a idolatra.

Para ADORNO, cultura é aquilo que transcende o que a civilização produz. Mas, neste século, este sentido legítimo é transgredido e a cultura passa a se subordinar às leis de equivalência, vira produto, regride à civilização que deveria transcender e se torna consumível.

É dentro deste contexto que ele formula o conceito de Indústria Cultural que ocorre, pela primeira vez, em 1947, na obra Dialética do Iluminismo, escrita em parceria com Horkheimer, na qual defende que o Iluminismo, tido como um esforço consciente de valorização da razão e abandono de preconceitos tradicionais que almeja o progresso da humanidade, em todos os aspectos e, mais ainda, na liberdade de pensamento, não atingiu seus objetivos nem se manteve fiel aos seus princípios; ao contrário, contribuiu para o que eles chamaram de "antiiluminismo": o aparecimento de uma nova forma de mistificação bancada agora pela ciência e pela tecnologia.

Indústria Cultural é a exploração, com fins comerciais e econômicos, de bens considerados culturais, não só daqueles criados unicamente para os fins citados, mas também daqueles genuinamente culturais, como por exemplo, a festa dos bois bumbás de Parintins (AM), que se descaracterizou a partir da exploração econômica que a transformou numa indústria.

A Indústria Cultural é a indústria da cultura, indústria *stricto sensu*. Nela, há classificação e padronização dos consumidores através das distinções entre filmes A e B, por exemplo, as quais não estão calcadas na realidade – são artificiais: prevê-se, para todos, um tipo de arte a ser "consumida", assim, ninguém escapa.

A publicidade é, hoje, um exemplo forte da Indústria Cultural porque ambas estão fundidas. A função de um publicitário é fazer com que o consumidor compre aquilo que ele não precisa com o dinheiro que ele não tem; ele, de fato, consegue cumpri-la: quando produz uma propaganda, já sabe qual público atingir porque pesquisou, anteriormente, suas necessidades( que foram construídas por ele próprio). Deste modo, o consumidor é o objeto da Indústria Cultural.

A Indústria Cultural extermina o que é particular, nega a particularização, seja a cor, a composição, a arquitetura.

Em 1983, era comum encontrar jovens na cidade de Porto Velho- RO, usando superposição de roupas sob o calor escaldante do Agosto nortista, especialmente jaqueta *jeans* sobre camiseta– a única explicação plausível era a influência da moda do “sul-maravilha” divulgada na mídia ( lá, em Agosto, o frio justificava a superposição).

Neste comportamento, é claramente percebido o papel da escola, que tem produzido indivíduos menos resistentes à Indústria Cultural que aqueles que não tiveram instrução formal, negando-lhes a autonomia (Para Kant, autonomia é agir de tal maneira que se essa maneira se tornar universal, todo mundo sobreviverá, ou seja, é considerar a implicação que essa ação teria para a sociedade se fosse universalizada; deriva do imperativo categórico: está presente tanto o interesse do individual quanto o da coletividade

), isto porque ela não consegue romper com o cotidiano, não diferencia o aluno e indiferenciar é dominar.

Com isso, não se permite atenuar a frieza e a violência que se perpetuam no consumo da produção da Indústria Cultural, ao contrário, as acentuam e , tal qual a Indústria Cultural, a escola só admite a liberdade do sempre igual, por isso ela é medíocre.

Mas, o que marca o ser humano é a quebra da repetição; é no imponderável e no imprevisível que se dá a liberdade humana. Ao negar esta quebra, a Indústria Cultural infantiliza o ser humano, fortalece o impedimento de ele crescer, pois o homem, para a Indústria Cultural, é substituível, é um exemplar, é um ser genérico. Sendo assim, a Indústria Cultural nega a essência, pois só há essência na diferença. O outro me revela uma possibilidade de eu ser e vice-versa.

Atualmente, há uma igualdade cada vez maior entre os produtos e não se justifica a incrível diferença entre os preços, pois a mesma não tem nada a ver com a diferença objetiva, com o significado dos produtos , mas ajuda a manter uma aparência de concorrência e a possibilidade de escolha que, de fato, não existe; se o indivíduo exerce tal profissão, recebe tal salário, mora em tal lugar, etc, isso o condiciona a consumir tal produto; veja-se os carros fabricados hoje: são todos praticamente iguais.

Com relação aos filmes e às novelas, é possível até descobrir seus finais antes mesmo de tê-los visto porque seguem uma fórmula padrão; isto é resultado do empobrecimento do material estético – a identidade é apenas superficial, independentemente do seu enredo. É muito comum nos *trailers*, a informação “Do mesmo diretor de...”; é como se dissessem: “É igual ao anterior, venha que você não vai precisar pensar”.

Esta previsibilidade da arte produzida na Indústria Cultural denuncia uma completa ausência de fantasia, de imaginação, de atividade mental que são atrofiados, desvirtuados, paralisados. Para aqueles que têm uma rotina massacrante, a arte séria é uma farsa – quando descansam do cotidiano, sentem-se felizes com a arte “leve” (divertimento) que é a má consciência social da arte séria (a verdadeira Arte). A Indústria Cultural concilia a antítese, inserindo uma à outra.

Nas novelas e nos filmes é freqüente o *remake* – a reprodução onde tudo é previsível, onde há a arte teleológica negada por ADORNO. O filme já é a propaganda subliminar do filme seguinte: Rambo I, Rambo II, etc. Deste modo, a arte passa a ser uma verdade negativa cujo destino é absorção por igual, é sobreviver como objeto funcional que não incomoda.

É cada vez mais rara a arte que incomoda; um exemplo, na literatura, foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que não foi previsível nem no nome, pois não durou uma semana inteira.

Na Indústria Cultural, a lógica da obra de arte não se distingue mais da lógica do sistema social, visto que a técnica destrói esta distinção com a produção em série; a arte se torna, então, um negócio (não existe mais arte cinematográfica e sim indústria cinematográfica) cujo fim é a aquisição de capital; assim o lucro não é mais só a intenção, mas o princípio exclusivo, por isso, interessa à Indústria Cultural a constituição de subgrupos, como o dos jovens ou o dos negros, por exemplo, que ela transforma em objetos lucrativos, além de privilegiar a idolatria, a infantilidade, a euforia generalizada, a platéia.

O que a Indústria Cultural fornece, de fato, é a vida cotidiana, a verdadeira imagem do mundo tal qual ela se apresenta; ela promove a resignação que se quer esquecer nela, estraga o prazer, manipula as distrações, permanece voluntariamente ligada aos clichês ideológicos da cultura em vias de liquidação, defende e justifica a arte física em confronto com a arte espiritual, não tem substância e despersonaliza o humano contra o mecanismo social.

Ao fundir cultura e diversão, há uma agressão à primeira e uma tentativa vã de supervalorização da segunda. Não é fácil perceber este estado, mas algumas pessoas dão conta disso: recentemente artistas que receberiam o prêmio *Sharp* se recusaram a comparecer à cerimônia, alegando que a mesma não fazia sentido e não acrescentava nada, haja vista o próprio nome do prêmio que já mostra, por si só, uma vinculação da arte com o consumo.

A dificuldade da percepção se dá também porque ocorre, nesta relação, uma diminuição do contato das pessoas com o que é particular, subjetivo – os consumidores apenas pensam que são sujeitos pensantes. Se a cultura contribui para domar os instintos revolucionários e os costumes bárbaros, a cultura industrializada vai além, promovendo a tolerância da vida desumana que cada qual vive e banalizando a vida: em alguns *best-sellers*, por exemplo, há uma redução da complexidade humana, com a apresentação de personagens lineares, são bons o tempo todo ou vice-versa.

Esta banalização é mais prejudicial porque cria no leitor a expectativa da repetição – quem leu um Sidney Sheldon, leu todos. Quando o escritor Fernando Sabino escreveu o livro da Zélia Cardoso, uma aluna do Curso de Letras da Unir comentava sua decepção, dizendo que o autor não podia ter feito aquilo, era contra o que já havia escrito antes, ou seja, ferira a sua expectativa.

A Indústria Cultural veicula e se serve de uma dominação que não é inerente ao homem, falta a ele dominar o seu desejo de dominação (e este seria um passo importante para a humanidade – mas ele não é simples, nem fácil, e, às vezes, nem desejado, já que ser dominado se torna, muitas vezes, cômodo – não se tem que assumir responsabilidades). Ela é promotora da barbárie – não permitir a expressão da diversidade é uma barbárie.

A desbarbarização da humanidade inicia na busca do entendimento dos processos que geram a violência - mesmo aquela não tão facilmente perceptível - e na tentativa de esvaziá-los.

Com relação à Indústria Cultural, então, inicia-se em questionamentos tais como: Por que se consome tal produto, seja ele um filme ou uma roupa.

Considerando a violência tal qual ADORNO a concebe, chega-se à conclusão de que a Indústria Cultural é violenta na medida em que nega ao indivíduo a autonomia, sem que ele se dê conta disso, pois o mesmo pensa que escolheu livremente consumir tal produto: ele não percebe também, que na relação de "consumo" não está presente o interesse da coletividade ( os telespectadores, os leitores,...) mas apenas o individual ( os grupos que produzem as "mercadorias").

Na Indústria Cultural, as palavras também são violentadas, já que há clichês, chavões que perpetuam estereótipos e que são repetidos à exaustão, sem que se discuta qual o seu sentido como se fossem palavras de ordem..(novelas, pseudo-programas humorísticos).

A saída se daria, ainda, através da educação, desde que ela implicasse, sempre, auto-reflexão, pois esta traz consigo a relação indivíduo/ cultura e produz o esclarecimento que é fundamental, ainda que não seja suficiente. ADORNO não está preocupado em buscar soluções, mas em refletir sobre os problemas, ele reconhece que o ideal não é alcançável e por isso não há soluções para os mesmos – essa é uma entre as várias contradições as quais ele julga que não se pode ocultar, que se deve acolher, já que elas são um caminho, para não ser vítima da ideologia, até porque , para ele, a reflexão já é o primeiro passo.

Uma escola preocupada com a desbarbarização da humanidade deveria iniciar esse processo de reflexão através da busca de respostas para perguntas tais quais: porque uma sociedade que já teria condições objetivas para eliminar a miséria, ainda não o fez. Se o que possibilita a Indústria Cultural é a reprodução de uma sociedade desigual que justifica o esquecimento da realidade possível, uma das formas de superação passaria pela reflexão sobre o que é que possibilita a reprodução de tal sociedade.

WALTER BENJAMIN, ao tratar da reprodutividade técnica da obra de arte, apresenta postulações que não se contrapõem às idéias de ADORNO, apenas a ênfase dada é diferente: enquanto este se deteve mais nas transformações sofridas pelo consumidor, no efeito que a Indústria Cultural provoca nele, aquele se detém na obra de arte em si, refletindo sobre sua autenticidade, aura, e valor, enfim, sobre os efeitos que a reprodução em série causa na obra reproduzida.

Mas, para ADORNO, BENJAMIN tem uma postura otimista em relação à técnica, especialmente a do cinema e, talvez por isso, não contemple, nas suas teses, as duas dimensões da mesma, enquanto determinada esteticamente pela própria obra de arte e enquanto exterior a ela.

A questão relevante estaria centrada nesta segunda dimensão porque a técnica da reprodução destrói a distinção da obra em si e o sistema social passa a ter muito poder, já que o mesmo é planejado por aqueles que detêm o poder econômico; desta forma, a racionalidade da técnica passa a ser idêntica à racionalidade do domínio.

Neste caso, para ADORNO, esta arte ( na época, ele se referia ao cinema e ao rádio) não merece ser tomada como arte, enquanto BENJAMIN ainda a denomina arte, mas consciente de que, reproduzida, ela não se mantém a mesma.

BENJAMIN refere-se à politização da arte: sua reprodutibilidade passa a ser uma condição para que ela exista ( os filmes, por exemplo, dependem de difusão maciça para se pagarem).

Reporta-se, ainda, à ausência do aqui e do agora da obra de arte e afirma que sua existência única é substituída por uma existência serial. Segundo ele, o objeto reproduzido não é mais uma obra de arte na essência e a reprodução também não, porque mata-se a autenticidade, a tradição e a autoridade da mesma. Na reprodutibilidade, não há mais a aura da obra de arte (aquilo que caracteriza a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja).

Quando o critério da autenticidade perde o sentido, toda a função social da arte se modifica: não se funda mais no ritual e sim na política- no culto, bastava a magia da obra de arte; a partir da reprodução em série, interessa que ela seja vista, não numa contemplação livre, pois há uma orientação prévia da recepção.

A reprodutividade possibilita a ausência de contexto, enfatiza um universo fragmentário e modifica a reação da massa com a arte, fazendo com que a necessidade de possuir o objeto (criada e mediada pela reprodução) lhe seja irresistível; reduz a significação social da obra de arte que se barateia, como numa liquidação, e também reduz a atitude crítica em relação à atitude de fruição, aumentando a distância entre o recolhimento ( presente no contato com a obra de arte original) e a distinção (presente no contato com a obra reproduzida).

BENJAMIN denuncia que a recepção através da distração crescente em todos os domínios da arte produz uma transformação nas estruturas perceptivas, - principalmente na ótica - que, de algum modo se atrofiam, não realizando mais determinadas tarefas e exemplifica com o filme, com seus efeitos de choque de suas seqüências de imagens.

Quanto às idéias de Marshall McLUHAN, elas se contrapõem, claramente, tanto às de ADORNO quanto às de BENJAMIN. Ao postular que "o meio é a mensagem", McLUHAN desconsidera a essência daquilo que é produzido, veiculado pela Indústria Cultural e reproduzido em série.

Tendo sido primeiramente um pensador muito lido e citado (década de 70) e depois- muito contestado, ele considera que todas as artes tradicionais que não se transformam em nossos meios são restos moribundos de um mundo desaparecido, que não importa como surgiram as novas tecnologias, que elas chegam misteriosamente; o ser humano se vê aprisionado por elas, torna-se impotente e só lhe cabe adaptar-se ao inevitável. Para ele, a tecnologia se eleva acima da sociedade.

Para McLUHAN expor suas idéias da nova era eletrônica de hoje e o brilhante futuro que lhes espera, apóia-se em toda a história da humanidade, com seus transtornos sociais e diferenças de línguas, técnicas, inventos, artes e ciências, com uma teoria muito confusa: idades e temas muito distantes empunhando-se uns aos outros como se houvera produzido uma máquina do tempo que voltou louca.

Ele chamou este tipo de história de "mosaico", vinculando-se à tecnologia da televisão ( a imagem que se obtém do tubo da televisão é uma rápida sucessão de pontos que o espectador ordena ativamente em uma imagem simultânea, como se tratasse de um mosaico).Assim, entram as apresentações simultâneas dos acontecimentos, abandonando a seqüência linear, fora de moda.

A mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. O meio surge e com ele acelera-se e amplia-se a escala das funções humanas anteriores, criando cidades, trabalho, lazer. Enquanto o meio é a mensagem, outros meios vão surgindo e superando as mensagens anteriores.

Para ele, é irrelevante a preocupação com o baixo nível cultural da televisão, importa analisá-la por outro ângulo, pois existe a transformação dos seres fragmentados em pessoas completas cujos sentidos trabalham todos ao mesmo tempo; não importa o programa, o meio mesmo é que importa.

As mudanças fazem-no vibrar; para ele, o desemprego e até a guerra são necessários ( a guerra é para McLuhan, uma troca tecnológica acelerada).

Os meios eletrônicos são extensão do nosso sistema nervoso central e o que eles sabem nós também sabemos; deste modo, o conhecimento é desnecessário ao ser humano- a eletrônica fará por nós.

Há, entre as concepções de ADORNO e de McLUHAN, uma enorme discordância com relação ao conceito Cultura de Massa: Adorno preferiu substituí-lo por Indústria Cultural, porque o considerava equivocado- enquanto que, para seus defensores (do conceito Cultura de Massa) significava uma cultura originária das massas, espontânea e natural, para ele, era exatamente o oposto: uma cultura adaptada aos produtos e determinada pelo consumo dos mesmos, num círculo vicioso.

O conceito de Indústria Cultural, formulado há cinqüenta e dois anos por ADORNO, permanece atual e é incrivelmente válido para as relações estabelecidas, hoje, entre os homens e a cultura. A leitura das suas postulações remete o leitor a exemplos típicos da sociedade deste fim de século: isto faz com que este conceito pareça fazer mais sentido agora, que quando foi formulado, talvez porque tenham surgido, desde a sua formulação, novas indústrias culturais, a partir do desenvolvimento tecnológico que possibilitou o surgimento do computadores, da internet, etc.

O homem está cada vez mais subjugado à ciência e à técnica; sua relação com os outros homens e com a natureza continua falsificada pela Indústria Cultural, que o impede de se tornar um indivíduo autônomo, independente e capaz de julgar e de decidir conscientemente, tal qual ADORNO destacou, com relação à música, na qual o "gostar de" é confundido com o "reconhecer".

Se perguntamos a alguém se "gosta" de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furta-los à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e de não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. (ADORNO,1963)

Esta atualidade do conceito Indústria Cultural significa que os homens não encontraram, ainda, a saída de sua "auto-inculpável minoridade" não por causa da falta de conhecimento, mas sim por falta de coragem e decisão de servir-se do entendimento sem o auxílio de outro. Encontraremos, algum dia?

A saída é, neste fim de século, muito mais difícil de ser encontrada que quando Adorno formulou o conceito de Indústria Cultural e esta dificuldade tem nome: globalização; ironicamente, a Indústria Cultural é um dos fatores que permitiu a globalização.

O melhor sinônimo para Indústria Cultural é, hoje, a globalização: processo de aceleração capitalista que vem ocorrendo desde a Pré-história, mas que só recentemente ganhou a velocidade da luz; pode criar uma civilização genuinamente transnacional alimentada pela exposição à tecnologia e pelas mesmas fontes de informação; possui um tremendo potencial para solucionar os problemas do homem contemporâneo e pode criar riquezas num ritmo alucinante; mas, ao mesmo tempo, pode causar dor, criar uma classe com o mesmo padrão de consumo, aspirações, preconceitos, valores, etc, fortalecendo a cultura da repetição.

A globalização interfere no plano ideológico- é uma revolução e, como tal, transformará a vida humana na terra, partindo da questão econômica mas atingindo outras áreas e até mesmo aquelas pessoas ou povos que estejam alheios ao fenômeno, porque não será possível se manter à margem, por muito tempo. A globalização da cultura extrapola limites físicos e é generalizante (se antes, atravessar um país como o Brasil era uma tarefa para bandeirantes que, às vezes, pagavam a aventura com a própria vida, hoje, a Disneylândia é “caminho da roça” para os novos ricos brasileiros).

Ela transforma as representações culturais ( no Brasil, o 31 de Outubro – dia das bruxas nos Estados Unidos está sendo festejado com festas de “Halloween”); desestabiliza a realidade econômica (os portugueses reagiram à invasão de dentistas brasileiros, que competiam naquele mercado de trabalho e ganhavam); e tende a homogeneizar comportamentos (recentemente, divulgou-se, no Brasil, um vídeo norte-americano entre as empresas de turismo brasileiras, que “ensinava” como nós deveríamos nos comportar em visita àquele país, especialmente grupos de turistas que iriam para Orlando), fato que, aos brasileiros, soou grosseiro, ofensivo e arrogante.

Como se pode notar, através das exemplificações supracitadas, o processo é complexo; se ele promove intercâmbio, integração entre os povos, também faz surgir conflitos de natureza territorial, envolvendo questões culturais e religiosas, que parecem buscar uma identidade local ou regional, ou seja, generaliza e, paradoxalmente, particulariza.

A comunicação é fundamental na globalização: o modo como ela será gerenciada e por quem, a ideologia que ela veicular e o fato de ela ser ou não consumida serão os definidores dos valores, dos hábitos e costumes do homem do próximo milênio. Mas, como escreveu Oscar Wilde, “é melhor não profetizar, especialmente sobre o futuro”.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- ADORNO, Theodor W. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.  
BENJAMIN, ADORNO, HORKHEIMER, HABERMAS. **OS PENSADORES**. São Paulo, Abril cultural, 1980.  
FINKELSTEIN, Sidney. **O ANTIHUMANISMO DE MCLUHAN**.  
LIMA, Luiz Costa. (org.) **TEORIA DA CULTURA DE MASSA**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

**SUGESTÃO DE LEITURA**

*antes*  
*água e pão*  
*que pão e circo*

*ver*  
*é perigoso:*  
*ao olho, o circo*

**CARLOS MOREIRA**